

O PAPEL MEDIADOR DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Zoica Andrade Caldeira
zoica@uol.com.br

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
marisafont@ig.com.br

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

Este trabalho visa investigar o papel mediador da educação musical no contexto hospitalar, focando-se, especificamente, em crianças que, devido às características de sua doença, necessitam passar por um longo período de internação. Fundamentando-se na Psicologia Sócio-Histórica, principalmente no psicólogo russo L. S. Vygotsky, e na Música, sobretudo em autores que valorizam a função social da música e a sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano (KOELLREUTTER, 1997; GAINZA, 1988; ZAMPRONHA, 2002), a hipótese inicial desta pesquisa é de que a educação musical, ao mediar processos criativos no contexto hospitalar, pode contribuir para a qualidade de interações de crianças hospitalizadas, influenciando, assim, seu desenvolvimento psicológico e psicossocial. Ainda dentro da perspectiva sócio-histórica em Psicologia, a abordagem desta pesquisa será a qualitativa, articulando na investigação a análise microgenética e os procedimentos característicos da pesquisa-ação. A pesquisa irá realizar-se na área pediátrica de um hospital público, com crianças entre 7 a 11 anos.

Palavras-chave: educação musical; criança hospitalizada; processos criativos.

Abstract

This work has the purpose of investigate the medidator function of the musical education in the hospital context, focusing on children who, because of the characteristics of their diseases, need staying for a long period of interment. Based on the Social-Historical Psychology, mainly in the russian psychologist L. S. Vygotsky, and in the Music, chiefly on the authors who give value to the social function of the music and its contribution to the whole development of the human being (KOELLREUTTER, 1997; GAINZA, 1988; ZAMPRONHA, 2002), the initial hypothesis is the music education , mediating criative processes in the hospital context, can influence the quality of the hospitaled children interactions,

contributing for the development of their higher psychological functions. The approach of this research will be the qualitative, articulating in the investigation the Microgenetic analysis and the proceedings of the action-investigate. The research will be come about in the pediatric area of a public hospital, with children between 7 and 11 years old.

Key-words: music education; hospitalized children; creative processes.

Introdução e Justificativa

A institucionalização hospitalar da criança, retirada de seu contexto social e muitas vezes separada de sua própria família por semanas e até meses, pode favorecer alterações no curso de seu desenvolvimento psicológico e psicossocial. Além do desconforto específico decorrente da doença, a submissão de sua vontade, liberdade e expressão às regras próprias de tal instituição, bem como os aspectos inerentes à hospitalização (sensação de abandono, medo do desconhecido, sensação de punição e culpa, limitação das atividades e surgimento ou intensificação da dor física (CHIATTONE, 2003, p.15-23)), podem restringir ou até anular (dependendo das características pessoais de cada um) as possibilidades de interação da criança com a realidade ao seu redor. Entre as possíveis reações da criança à sua situação de internação, pode-se citar: indiferença, agressividade, depressão, regressão, perturbações da personalidade, entre outros (SARTI, 1975 apud CHIATTONE, 2003, p. 18).

Uma importante constatação para a elucidação e contextualização deste problema é que a prática da medicina e a organização de assistência à saúde em nossos dias têm sido dirigidas, principalmente, pela base conceitual da medicina científica moderna: o modelo biomédico.

O modelo biomédico é resultado da influência do pensamento cartesiano no pensamento médico, tendo como características principais a concepção reducionista e mecanicista da vida. Dentro deste modelo, o corpo humano é considerado uma máquina, podendo ser entendida a partir da organização e funcionamento de suas peças; a doença representaria o comprometimento de algum mecanismo pertencente a ela (CAPRA, 1982, p. 116).

Ao adotar a separação de mente e corpo herdada da concepção de Descartes, a medicina moderna, limitando sua intervenção junto ao paciente somente aos aspectos fisiológi-

cos, perdeu a visão do ser humano como um ser integral, ocupando-se cada vez menos com seu papel de promoção da saúde.

Resultantes desta concepção mecanicista do organismo humano, o avanço da tecnologia médica e a transferência de sua prática do consultório para o hospital contribuíram para a fragmentação e até, em alguns casos, a desumanização do tratamento ao paciente, pois *“os hospitais converteram-se em amplas instituições profissionais, enfatizando mais a tecnologia e a competência científicas do que o contato com o paciente”* (CAPRA, 1982, p. 141).

O Ministério da Saúde brasileiro já vem se preocupando com as más conseqüências de uma intervenção médica fragmentária baseada no modelo biomédico. Constituem-se iniciativas de contraposição a este modelo a transformação do sistema nacional para o denominado Sistema Único de Saúde (SUS), bem como a implementação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH).

O SUS busca recuperar o sentido da ação médica, tendo como principais objetivos a promoção, proteção e recuperação da saúde (SCAFF, 1998). Ele se norteia por princípios doutrinários (Universalidade, Equidade e Integralidade) nos quais revela um visível esforço em adotar uma concepção holística na saúde. Esta constatação fica ainda mais evidente no princípio de INTEGRALIDADE.

Pelo princípio de INTEGRALIDADE, o atendimento ao indivíduo deve levar em conta todos os seus aspectos, considerando-o um ser integral, indivisível. O foco das ações deve estar na saúde do ser humano e não apenas na doença, combinando estas ações sempre de acordo com os objetivos centrais deste sistema que visa a promoção, a proteção e a recuperação da saúde (SCAFF, 1998).

Seguindo estes mesmos princípios, o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar surgiu da necessidade de melhorar o atendimento prestado nos Hospitais Públicos que integram o SUS. Segundo o Quadro de Referência e Justificativa deste projeto, o programa visa

... resgatar a dimensão subjetiva da intervenção em saúde(...) [pretende] investigar os meios para o fortalecimento de uma nova cultura de atendimento à saúde por meio de uma política de resgate do respeito e valorização da vida humana (BRASIL, 2001, p.32).

Este programa tem desencadeado processos de humanização em vários hospitais do Brasil. Entre as iniciativas adotadas, a integração de três áreas de conhecimento - Arte, Saúde e Educação - tem sido utilizada no cotidiano hospitalar como uma importante ferramenta neste processo.

O presente trabalho tem a finalidade de somar-se a essas iniciativas, focando-se especificamente na situação da criança internada, auxiliando-a a restabelecer sua comunicação com o mundo por meio da expressão de sua sensibilidade e criatividade, tendo a educação musical como agente mediador. Considerando a função social da música e a sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano (KOELLREUTTER, 1997; GAINZA, 1988; ZAMPRONHA, 2002), a hipótese inicial desta pesquisa é de que a educação musical, ao mediar processos criativos no contexto hospitalar, pode contribuir para a qualidade de interações de crianças hospitalizadas, influenciando, assim, seu desenvolvimento psicológico e psicossocial.

Tendo como fundamentação teórica a Psicologia Sócio-Histórica e a Música, a investigação da hipótese se balizará tanto nas proposições do psicólogo russo L. S. Vygotsky e de seus seguidores sobre a gênese e desenvolvimento dos processos psíquicos infantis quanto nos estudos acerca da função social da música e sua prática criativa na educação.

Serão adotados neste trabalho alguns conceitos fundamentais em Vygotsky, como, por exemplo, o conceito de mediação instrumental e simbólica, a interação dialética entre os processos internos e externos, intrapsíquicos e interpssíquicos, e sua concepção básica de que as funções psíquicas superiores, ou seja, aquelas funções que diferenciam o homem dos animais, características do funcionamento tipicamente humano (ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional), são construídas a partir da interação deste com o mundo exterior, levando-se em conta o outro e o contexto social (OLIVEIRA, 1997).

Para Vygotsky, o homem não tem uma relação direta com o mundo exterior, ela é sempre **mediada** por sistemas simbólicos (cultura) ou pelo outro através de relações interpssíquicas, que são internalizadas intrapsiquicamente, sempre num movimento dialético. Ou seja, tal relação não é estática, pois, ao interagir com sua realidade, o homem modifica o seu entorno e assim, modifica-se a si mesmo, sendo o produto desta relação maior do que a soma entre as partes.

Um importante fator para o desenvolvimento psicológico da criança, segundo este mesmo autor, é a sua ação lúdica. Ao brincar, a criança se insere na dimensão simbólica, transformando a realidade, ao mesmo tempo em que se aproxima dela (ROCHA, 2003, p. 83). Esta atividade, segundo Rocha, favorece

... a emergência e o desenvolvimento de vários processos psicológicos interdependentes: a modificação das relações entre o campo perceptual e o comportamento da criança, a sua inserção na dimensão simbólica, capacitando-a para a aquisição de formas de representação do mundo, o favorecimento do comportamento voluntário, lançando bases para o jogo de regras e para a atividade instrucional e, de igual importância, a origem da capacidade imaginativa”. (ROCHA, 2003, p. 85).

DE CARLO (1999), ao pesquisar a influência dos processos imaginativos na emergência de funções psíquicas superiores numa instituição de educação especial utilizando-se da perspectiva sócio-histórica, acredita que tais processos criam possibilidades de construção de espaços ou de formas de superação das restrições institucionais, da própria cotidianidade e do funcionamento psíquico elementar (p.12).

Considerando o que foi colocado anteriormente, a Música teria uma contribuição essencial na emergência destes processos criativos, exercendo, assim, uma importante influência no desenvolvimento psicológico e psicossocial da criança. Segundo Zampronha,

Como atividade lúdica, (a música) se recorta como um jogo, cuja dinâmica é caracterizada por uma escuta que se enriquece da aprendizagem, motivando, criando necessidades e despertando interesses. (...) Como função criativa a música amplia nossa compreensão do mundo e possibilita um inter-relacionamento entre o que sentimos e pensamos. (...) Como interface de desenvolvimento social, a música permite que se participe do sentimento de uma época, presente ou pretérita, fornecendo as bases técnicas e estéticas para que essa vivência se estabeleça (2002, p. 121-123).

Um outro autor que enfatiza e corrobora esta afirmação é o compositor e educador Koellreutter, ao afirmar que

A música é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade.

Entendo aqui como consciência a capacidade do homem de apreender os sistemas de relações que atuam sobre ele, que o influenciam e o determinam: as relações entre um dado objeto ou processo e o homem, o meio-ambiente e o eu que o apreende (KOELLREUTTER apud KATER, 1997, p. 72).

Utilizando-se da mesma argumentação de Zampronha (2002) ao defender a prática musical nas escolas e ampliando sua esfera de alcance, pode-se dizer que pontuar a música na instituição hospitalar é

... auxiliar o educando (o menor hospitalizado) a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão. Como toda comunicação envolve conflito, poder, ideologia, negociação, o educando (o menor hospitalizado) precisa aprender a lidar com esses valores com competência e autonomia; e aí, mais uma vez, emerge a possibilidade da música como agente mediador, auxiliando-o na construção de um diálogo com a realidade. (p. 120).

A abordagem desta pesquisa será a qualitativa, articulando na investigação a análise microgenética e os procedimentos característicos da pesquisa-ação.

A análise microgenética é baseada nas proposições de Vygotsky relacionadas ao método de investigação do funcionamento humano, focando-se mais na análise e explicação dos processos do que na descrição de resultados. Goes a define como

... uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos (2000, p.9).

Considerando a participação e a intervenção ativa do pesquisador previstas nesta pesquisa, bem como a importância da ação e significação dos sujeitos no desenvolvimento desta, a pesquisa-ação será adotada aqui a partir da concepção de Michel Thiollent, que a define como

... um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

A pesquisa irá realizar-se na área pediátrica de um hospital público, com crianças entre 7 a 11 anos que, devido às características de sua doença, necessitam passar por um longo período de internação. A coleta de dados será feita principalmente por meio de relato de cada encontro e mediante entrevistas com os profissionais de saúde e acompanhantes que lidam diretamente e diariamente com estas crianças.

Serão encontros semanais em sala própria ou num espaço organizado no corredor do setor reservado para as atividades de educação musical, que não teriam como finalidade o ensino técnico de instrumentos, muito menos o ensino da teoria musical tradicional, mas sim incentivar **o fazer musical criativo** e a **auto-expressão**, tendo os seguintes objetivos específicos: facilitar a expressão musical espontânea do paciente, evidenciando sua bagagem sócio-histórica através desta; incentivar a composição musical individual e coletiva com sons criados na interação social a partir da paisagem sonora hospitalar e trabalhar a atenção, a percepção e a memória através da escuta ativa, construindo, a partir desta escuta, notações simbólicas individuais e coletivas.

As novas abordagens na música do séc. XX abriram a oportunidade para qualquer um se expressar musicalmente usando a criatividade e os recursos à disposição, não precisando ser este um especialista (PAYNTER, 1972, p. 11-12). Com a ampliação dos recursos sonoros pelos músicos deste século, o conceito de música foi estendido, permitindo mais ações musicais possíveis (PAYNTER, 1972, p. 9-11). Inseridos neste contexto e influenciados pelas transformações e reflexões sobre a linguagem musical, alguns educadores musicais, como por exemplo, Murray Schafer, do Canadá e John Paynter, da Inglaterra, propõem a educação dos ouvidos e a exploração criativa dos sons ao redor para a expressão artística e musical. A primeira tarefa do professor, em suas propostas, é abrir os ouvidos dos alunos: ensiná-los a ouvir. Depois de desenvolver a sensibilidade aos sons ao seu redor, o aluno passa a manipulá-los de forma criativa, considerando todos os sons explorados como material musical em potencial, podendo criar, desta forma, sua própria música.

Dentro do hospital, mesmo com todas as limitações (soro, dor, exames, isolamento, entre outras), a criança hospitalizada pode agir criativamente com os sons ao seu redor, expressando-se através de sua própria música. Portanto, o trabalho de educação musical dentro do setor pediátrico não se preocupará com a técnica musical herdada por uma tradição do passado, mas sim com a criatividade e a expressão da criança, ajudando-a a ouvir e analisar sua paisagem sonora, bem como criar a partir dela (SCHAFER, 1991, p.284, 299). Segundo Vygotsky,

... se aproximam mais da compreensão infantil as obras compostas pelas próprias crianças ou improvisadas por elas no curso de sua criação. (...) ... a lei básica da criação artística infantil consiste em que seu valor não reside no resultado, no produto da criação, mas no processo de criação em si. (1982, p. 87-88 apud JAPIASSU, 2001).

Serão desenvolvidas outras técnicas específicas no decorrer da pesquisa que atendam às características da instituição, bem como às peculiaridades da criança hospitalizada.

Considerando que a ênfase da pesquisa está no **processo** e não no produto, como já foi discutido anteriormente, não se avaliará resultados finais no trabalho de campo, mas sim cada encontro, em que se poderá observar a reação das crianças, sua relação com as propostas, sua expressividade e a maneira pela qual elas se inter-relacionam. Outra forma de análise será o contato com os profissionais de saúde e com os acompanhantes, que poderão atestar sua percepção de como as crianças interagem com as atividades de educação musical, com a pesquisadora e entre si, e os efeitos que observam em seu estado após tais atividades.

A análise do resultado da pesquisa se dará pelo conjunto firmado pela avaliação contínua e final do trabalho e se refletirá na qualidade de reflexão acerca do ocorrido no período de aplicação de atividades com as crianças.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.portalhumaniza.org.br/>>. Acesso em: janeiro de 2005.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CHIATTONE, Heloisa B. de Carvalho. “Relato de Experiência de Intervenção Psicológica junto a Crianças Hospitalizadas”. In: CAMON, Valdemar A. Angerami (Org.). A Psicologia no Hospital. 2ª ed. São Paulo: Editora Thompson, 2003. p. 15-35.

DE CARLO, M. M. R. P. Se essa casa fosse nossa... Instituições e processos de imaginação na educação especial. São Paulo: Plexus, 1999.

FILHO, Geraldo I. A monografia na Universidade. São Paulo: Papyrus Editora, 1995.

GÓES, M. C. R. “A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade”. IN: Cadernos Cedes, ano XX, no 50, Abril/00, p. 9-25.

JAPIASSU, Ricardo O. Vaz. Vygotsky e a criação artística infantil. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/vygotsky_e_a_criacao.asp> . Acesso em: 12/04/2005.

KOELLREUTTER, H.J. “Sobre o valor e o desvalor da obra musical”. IN: KATER, Carlos (Org.) Cadernos de estudo: educação musical. Belo Horizonte: Atravez / EMUFMG / FEA / FAPEMIG, 1997, no 6.

OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PAYNTER, John. Hear and Now – an introduction to modern music in schools. Londres: Universal Edition, 1972.

ROCHA, M. Sílvia P.M.L. da. “O real e o imaginário no faz-de-conta: questões sobre o brincar no contexto da pré-escola”. IN: GÓES, M. C. R. e SMOLKA, A. L. B. (Orgs.). A significação nos espaços educacionais: Interação social e subjetivação. Campinas: Papirus, 1997.

SCAFF, Alfredo. SUS – Sistema Único de Saúde. 08/01/1998. Disponível em: <<http://www.consaude.com.br/sus/indice.htm>>. Acesso em: janeiro de 2005.

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

VALLADARES, Ana Cláudia A. Arteterapia com crianças hospitalizadas. (Dissertação de Mestrado – Área de concentração Enfermagem Psiquiátrica). – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2003.

ZAMPRONHA, Maria de L. Sekeff. Da música, seus usos e recursos. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Bibliografia básica

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. – São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. Koellreuter educador: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

GAINZA, Violeta H. Estudos de Psicopedagogia Musical. São Paulo: Summus, 1988.

_____. Pedagogía Musical: dos décadas de pensamiento y acción educativa. Buenos Aires: Lumen, 2002.

MAHEIRIE, K. “Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky”. IN: Psicologia em estudo, v.8, n.02, p.147-153. Maringá: s.e., 2003.

MITTEMPERGER, Rita de Cássia R. Um estudo sobre o processo de aprendizagem de crianças tratadas de Leucemia Linfóide Aguda. (Tese de Mestrado – Área de concentração Ciências Aplicadas à Pediatria). Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo: São Paulo, 2001.

VASCONCELOS, Mário (Org.). Criatividade: Psicologia, Educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Imaginación y el arte en la infancia. Cidade do México: Hispânicas, 1987.

WALL, Willem Van de. Music in hospitals. New York : Russell Sage foundation, 1946.

WALL, Willem Van de. Music in institutions. New York : Russell Sage foundation, 1936.